Magazine Europa Catarina Domingues
18.07.2017

I.

Tribunal dos Direitos Humanos dá razão a estado belga e confirma proibição do uso de véu islâmico. Justiça defende que lei é "necessária numa sociedade democrática".

Alemanha e França vão cooperar na defesa e segurança. Os dois países querem desenvolver um novo modelo de avião de combate. Decisão anunciada durante a reunião de conselho de ministros franco-alemão, que se realizou em Paris.

E foi há 30 anos que a Turquia fez pela primeira vez um pedido de adesão à União Europeia. Ancara diz agora que o bloco dos 28 está a fazer o país perder tempo.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

O Tribunal Europeu dos Direitos Humanos confirmou a proibição do estado belga do uso de véu islâmico em público.
A decisão foi tomada depois de duas mulheres terem contestado a lei, que entrou em vigor em Julho de 2011. A interdição diz respeito aos véus que cubram parcialmente o rosto ou mesmo ao "niqab", que cobre toda a cara, com excepção dos olhos.
O Tribunal decidiu por unanimidade … e sublinhou que não houve violação dos artigos da Convenção Europeia dos Direitos Humanos. Considerou ainda que a lei belga é "necessária numa sociedade democrática". Já há três anos, a alta instância tinha tomado uma decisão semelhante em França.

Connosco, ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

<u>ME: Eu começaria por perguntar: Não só a Bélgica, mas outros países na Europa proíbem o uso do véu em público. Faz sentido esta proibição?</u>

VA: *Eu penso que sim e, sobretudo, neste momento que o Tribunal Europeu de Direitos Humanos aprovou uma sentença dizendo que isso não viola os direitos humanos e é aceitável numa sociedade democrática. A verdade é que também há vários países muçulmanos que proíbem o uso do véu. Estou a pensar por exemplo em Marrocos, no Egipto, no Chade, no Níger e vários outros e, para mais, o véu que só deixa ver os olhos - o `nigap´ - não é um preceito do Corão. Por outro lado, o Tribunal Europeu de*

Direitos Humanos reconheceu que há certas ressalvas no que diz respeito aos direitos das pessoas e, nomeadamente, há que garantir que os direitos das pessoas têm um equilíbrio também com a necessidade da integração social de cada pessoa. Ou seja, o que o tribunal procurou fazer foi encontrar um ponto equilíbrio entre aquilo que pode ser considerado um direito individual e o direito da sociedade. E deu bastante importância a uma questão que na realidade é hoje uma questão fundamental na Europa que é a questão da integração social de minorias culturais muito diferentes. Esse é provavelmente um dos grandes temas de hoje e será no futuro também uma das grandes preocupações.

ME: Esta decisão não vai fomentar as diferenças, a criação de guetos?

VA: Os guetos em certa medida já existem. Aliás, a preocupação com a integração social é exactamente para evitar que surjam bairros como neste momento temos em Bruxelas ou temos em Paris ou nos arredores das grandes cidades do centro da Europa - bairros que são fundamentalmente habitados por estrangeiros e nomeadamente por pessoas da religião muçulmana. Isso é evidente que mais tarde ou mais cedo acabará por criar tensões sociais muito grandes e pôr em causa a estabilidade destes países. Também é preciso reconhecer que há uma crescente hostilidade das populações europeias em relação aos segmentos muçulmanos da população e esse tipo de hostilidade tem de ser combatido. É preciso que a educação pública, a educação cívica reconheça, por um lado, que existe este crescente mal-estar - e não só mal-estar, mas também hostilidade em relação aos muçulmanos europeus - e fazer com que essa situação possa ser ultrapassada e as pessoas possam ser mais tolerantes.

III.

França e Alemanha querem desenvolver um novo avião de combate europeu. Esta é apenas uma das medidas na área da defesa anunciadas durante a reunião do conselho de ministros franco-alemão, que se realizou na semana passada em Paris. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

Defesa e Segurança. Paris e Berlim vão apostar forte nestas duas áreas. O anúncio foi feito durante o Conselho de ministros franco-alemão, que se realizou na semana passada na capital francesa…. e que teve como protagonistas o chefe de Estado francês, Emmanuel Macron, e a chanceler alemã, Angela Merkel.

Os dois líderes anunciaram que querem desenvolver um novo avião de combate europeu. E também um futuro modelo do helicóptero de ataque Tiger e novas categorias de mísseis tácticos terra-ar.
A agenda deste encontro ficou marcada ainda por outros temas, como o ambiente, inovação, educação e cultura.
Aos jornalistas, o líder francês, Emmanuel Macron, disse que os dois países precisam de se juntar para manter a Europa unida.

Emmanuel Macron: *Se a Alemanha e a França não se entenderem é a Europa que fica dividida. Temos o dever e a capacidade de construir um futuro comum, porque nenhum dos países pode ter sucesso um sem o outro. Sempre que isso foi pensado no passado foi um engano. Temos uma longa experiência e uma longa aprendizagem com erros mútuos.*

Além de Angela Merkel, Paris também recebeu na semana passada Donald Trump. Mas os dois não se cruzaram. O presidente dos Estados Unidos foi o convidado de honra para o tradicional desfile militar do dia da Bastilha. Este ano coincidiu com o centenário da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial.
Em Paris, cerca de uma centena de manifestantes também esperavam por Trump.

Manifestante: *Estamos a manifestarmo-nos por uma série de coisas que Trump tem implementado ou defendido e que nós não defendemos nem concordamos, como sair da conferência das alterações climáticas e posicionar-se contra os direitos dos imigrantes, ser misógino, homofóbico e tudo isso.*

Mas na presença de Macron, Donald Trump mostrou abertura em relação ao tratado de Paris.

Donald Trump: *Algo poderá acontecer relativamente ao acordo de Paris. Veremos o que acontece. Mas iremos falar disso neste período que se segue.*

Se o dossiê do clima continua a ser uma pedra no sapato entre os dois países, o combate ao terrorismo une Paris e Washington, que se comprometeram a trabalhar juntos na questão síria.

<u>ME: Foi uma semana cheia em Paris, com encontros com muito simbolismo. Victor, vamos começar pelo conselho de ministros franco-alemão. Há uma clara aposta na defesa.. Esta aposta é movida pelo terrorismo? Que querem os dois países?</u>

VA: O que Macron está a tentar fazer é fazer renascer um velho hábito, um velho ritual de reuniões periódicas entre os dois países,

que são dois países vizinhos, que são dois países que, no passado, estiveram sempre no centro dos conflitos armados que existiram na Europa e que destruíram grande parte da Europa, quer no século XIX, quer no século XX, ou seja, há a preocupação de voltar a estabelecer uma relação muito directa entre os governos da França e o da Alemanha e, nomeadamente, no sentido da defesa e da luta contra o terrorismo. Da defesa porque, cada vez mais, existe a convicção na Europa que a defesa terá que ser assegurada pelos estados europeus. Durante décadas - desde o fim da II Guerra Mundial - a segurança europeia foi fundamentalmente assegurada pelos Estados Unidos da América. Penso que o acento tónico na defesa tem muito a ver com a criação de um sistema europeu de defesa que já está na forja.

ME: E em relação à visita de Trump a Paris. É possível mudanças da posição norte-americana em relação ao Acordo de Paris?

VA: O tempo o dirá. A verdade é que a reunião entre Macron e Donald Trump correu bem. É verdade também que estas coisas resolvem-se através do diálogo e também que Donald Trump na conferência de imprensa deixou aberta a possibilidade de rever a posição americana em relação ao Acordo de Paris dentro de algum tempo. Eu penso que vale a pena insistir no diálogo e seria um erro tentar excluir o presidente americano do futuro e das negociações. Por isso, eu penso que Emmanuel Macron fez o que era preciso fazer, entrou em diálogo com Donald Trump. É certamente um diálogo muito difícil, mas é um diálogo que é absolutamente necessário, até porque os Estados Unidos são o primeiro país em termos de economia mundial, são o primeiro país em termos da poluição, digamos assim, e são o primeiro país em termos da defesa e das relações internacionais entre os estados.

IV.

E na Turquia. Ancara disse que está a perder tempo com a União Europeia. Numa entrevista à BBC, o presidente Recep Tayyip Erdogan revelou que espera com urgência uma resposta sobre a entrada no bloco. Notícia de João Picanço.

Se a União disser sem rodeios que não quer aceitar a Turquia, isso será reconfortante. Estas são palavras do presidente da Turquia Recep Tayyip Erdogan durante uma entrevista à BBC. E disse mais: "A União Europeia não é indispensável para nós". O líder turco lembrou ainda ao canal britânico que a maioria da população já não quer pertencer à União Europeia. Acusou ainda Bruxelas de ter tido uma abordagem pouco sincera.

As declarações surgem após a aprovação ono Parlamento Europeu de um relatório a pedir que as negociações de adesão da Turquia à União Europeia fossem suspensas.
A entrevista à BBC acontece também num momento em que a Turquia está novamente debaixo das atenções da comunidade internacional. Isto porque no início de Julho foram detidos nove activistas dos Direitos Humanos e ainda Idil Eser, representante da Amnistia Internacional no país.
15 de Julho marcou também um ano desde que se deu uma tentativa de golpe militar no país. De acordo com notícias avançadas por vários meios de comunicação, a Turquia terá encerrado entretanto 160 órgãos de comunicação social e 2500 jornalistas foram despedidos.
O presidente turco confirmou ainda a detenção de dois jornalistas…Mas desmentiu que tenham sido detidas pessoas por exercerem esta actividade profissional.

ME: Victor, declarações fortes do presidente Erdogan. Caso para perguntar: porque é que as negociações em relação à entrada na União ainda não foram suspensas?

VA: A relação entre a Turquia e a União Europeia é uma relação extremamente complicada. Nós estamos perante um namoro eterno e de conveniência, mas sem amor. A Turquia é demasiado grande, é demasiado pobre e demasiado diferente. É demasiado grande porque, na realidade, se a Turquia entrar para a União Europeia, será rapidamente o segundo país mais importante em termos de população e poderá, no futuro mesmo, ser o maior país em termos do número de pessoas. É um país também demasiado pobre e a União Europeia já tem neste momento vários países que têm um grau de desenvolvimento muito inferior à média europeia - estou a pensar por exemplo na Roménia ou na Bulgária. Fazer incluir na União Europeia um outro país em que o nível de desenvolvimento é muito baixo tem encargos financeiros enormes e puxa para baixo, digamos assim, as economias europeias. E depois há a grande questão que é um país demasiado diferente. É um país já do Médio Oriente e é, sobretudo, um país muçulmano e em que a religião pesa cada vez mais na política interna da Turquia. Também é verdade que a Turquia é um país de fronteira, país charneira entre a Europa e certas partes muito importantes no sentido estratégico para a Europa, nomeadamente o Médio Oriente, a Pérsia, ou seja o Irão, os países da Ásia Central. E, por isso, existe algum interesse em manter um relacionamento com a Turquia, mas continuará a ser um relacionamento ambíguo, baseado em interesses que excluem certamente a vontade de integrar a Turquia na União Europeia.

ME: E passado um ano desde a tentativa de golpe de estado, Erdogan está mais forte?

VA: Certamente, muito mais. O golpe permitiu a Erdogan resolver dois grandes problemas que ele ainda tinha. Por um lado, esmagar a oposição. Ele neste momento conseguiu praticamente excluir a oposição, quer do parlamento, quer da via pública, ou seja, a oposição existe, mas está de tal maneira enfraquecida que deixou de se ouvir no parlamento e está praticamente impossibilitada de se reunir na via pública e de se manifestar. Por isso, um ano depois da tentativa de golpe de estado, esta grande ambição de Erdogan de ter um poder mais absoluto está a ser conseguida. Por outro lado, também conseguiu outra coisa que o preocupava bastante, que foi submeter as forças armadas ao seu poder pessoal.

V.

Victor Ângelo ao telefone de Bruxelas. E terminamos hoje com uma nota sobre preguiça e actividade física.
Um estudo realizado pela Universidade Stanford revelou que Hong Kong é a região do mundo onde as pessoas andam mais diariamente.
Dados recolhidos através da Argus, uma aplicação de smartphone que conta o número de passos dados, revelam que, em média, os utilizadores dão 4.961 passos por dia.
Hong Kong tem uma média de 6.880 passos diários. Segue-se o Interior da China, com 6.189.
Entre os 10 países mais activos, quatro são europeus: Ucrânia Espanha, Suécia e Suíça. Já Portugal está ligeiramente acima da média com 5 mil passos.
O país com menos actividade é a Indonésia, com 3.513 passos.
O estudo, publicado esta semana na revista "Nature" avaliou dados anónimos de cerca de 700 mil utilizadores.
Uma das conclusões diz respeito ainda a factores que determinam a obesidade. E o mais importante é a chamada "desigualdade de actividade", ou seja, a diferença entre as pessoas mais e menos activas.
Os Estados Unidos e o México, por exemplo, têm uma média diária de passos semelhantes, Mas nos EUA a "desigualdade de actividade" é superior e, por isso mesmo, o nível de obesidade também.
Outra das conclusões refere que cidades amigas dos pedestres alcançam mais passos diários.

Hoje ficamos por aqui. Até para a semana!

[Ficha técnica]

Magazine Europa Catarina Domingues
18.07.2017

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + (mais).

Estamos no Facebook em Magazine Europa.